

# INFORME

INFORMATIVO DA FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS Nº 52 MAIO/JUNHO E AGOSTO DE 2009



## 2 - ENTREVISTA

COM O PROFESSOR DOUTOR HENRIQUE FLEMING (INSTITUTO DE FÍSICA)

Com esta entrevista – gentilmente concedida pelo professor Henrique Fleming, renomado físico teórico do Instituto de Física da USP – damos prosseguimento à série de depoimentos sobre as diversas disciplinas que compunham a nossa Faculdade no momento de sua fundação. O professor Fleming, formado pela então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, professor titular do Departamento de Física-Matemática, e homenageado pelo Instituto de Física, quando de sua aposentadoria há dois anos, continua a ministrar aulas de graduação para o Curso de Ciências Moleculares.

**INFORME - Como o senhor descreveria a situação da Física no país, quando da criação, em 1934, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras?**

**Henrique Fleming** - Havia alguma física nas Escolas de Engenharia e no Observatório Nacional. Na Escola Politécnica de São Paulo, Theodoro Ramos estudava Relatividade, e publicou alguns trabalhos, na França e na Revista da Escola Politécnica. No Observatório Nacional, Henrique Morize obteve fotografias do Sol que foram publicadas no exterior. Manoel Amoroso Costa, um matemático, publicou um livro sobre a Teoria da Relatividade, em 1925. O grande jurista Pontes de Miranda apresentou trabalho em uma conferência internacional em Roma, dedicada à teoria da relatividade (como membro da

delegação alemã!). Por ocasião da visita de Einstein ao Brasil, em 1925, registrou-se sua intervenção, durante um seminário do grande cientista :

“- Data venia, Herr Einstein, a Teoria da Relatividade não considerou as implicações metafísicas das hipóteses que aventa. Das ciências físicas até as ciências jurídicas a diferença, saiba, é de grau. A Física mantém um pacto com o mundo da sociedade também, e é pacto que tira e põe, mas não deixa intacto o que estava. A questão é tanto mais delicada quanto a afirmação de não se poder alegar o erro e a de se exigir a capacidade objetiva e o além da capacidade objetiva, que leva a argumentos a favor de uma e de outra opinião. Falta na Teoria da Relatividade o conhecimento, a informação de que não é só o mundo em si, an sich, de que ela trata. Há de se ver que nas suas conseqüências, falta o desdobramento de um mundo para nós, für uns...”

A platéia delirava diante de tal brilho. O cientista sorria e mantinha silêncio. Quando acabou o discurso do jurista, a contestação à Teoria da Relatividade naquele tribunal, o físico se levantou, e como a se despedir, entregou a um dos acadêmicos um papel onde se lia:

“Die Frage, die meinen Kopf entsprang, hat

**EXPEDIENTE**

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

**REITORA:**

Profa. Dra. Suely Vilela

**VICE-REITOR:**

Prof. Dr. Franco Maria Lajolo

FACULDADE DE FILOSOFIA,  
LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**DIRETORA:**

Profa. Dra. Sandra Margarida Nitrini

**VOCE-DIRETOR:**

Prof. Dr. Modesto Florenzano

**COMITÊ EDITORIAL DO INFORME:**

Profa. Dra. Sandra Margarida Nitrini (DTLLC), Prof. Dr. Modesto Florenzano (DH), Prof. Dr. Cicero Romão Resende de Araújo (DCP), Prof. Dr. Moacyr Ayres Novaes Filho (DF), Prof. Dr. João Roberto Gomes de Faria (DLCV) e Sra. Eliana Bento da Silva Amatuzzi Barros (Membro Assessor).

**SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL****COORDENAÇÃO:** Eliana B. da S. A. Barros - MTb. 35814**DIRETOR TÉCNICO DE SERVIÇO:** Dorli H. Yamaoka - MTb. 35815**TÉCNICO:** Sílvia C. Tamaso D'Onofrio**MONITORIA:** Priscilla Vicenzo da Silva e Renato Rostás**ESTÁGIO:** Laís Lucas Moreira, Renato Santino e Roberta Cyrillo**ESTA EDIÇÃO****COORDENAÇÃO:** Eliana B. da S. A. Barros**DIAGRAMAÇÃO:** Dorli Hiroko Yamaoka**REDAÇÃO E REPORTAGEM:** Laís Lucas Moreira, Priscilla Vicenzo da Silva, Renato Santino, Roberta Cyrillo**REVISÃO:** Priscilla Vicenzo**IMPRESSÃO E ACABAMENTO:** Gráfica da FFLCH**TIRAGEM:** 1200 exemplares**SUMÁRIO**

<b>FFLCH - 75 anos</b> .....	1
2 - Entrevista com o Professor Doutor Henrique Fleming (Instituto de Física) .....	1
<b>ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO</b> .....	5
Projeto visa nova organização de documentação histórica da FFLCH .....	5
Por Priscilla Vicenzo	
FFLCH é pioneira em instalação de iluminação eficiente ....	6
Por Renato Santino .....	6
Andamento das reformas dos prédios .....	6
Por Renato Santino .....	6
<b>EVENTOS</b> .....	7
Universidade em Discussão .....	7
Por Roberta Cyrillo	
Reunião com Docentes Aposentados .....	7
Por Laís Lucas Moreira	
<b>ENTREVISTA</b> .....	10
Entrevista com Prof. Dr. José Álvaro Moisés .....	10
Por Renato Santino	
<b>MEMÓRIA</b> .....	12
Profª Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda (DS) .....	12
Por Priscilla Vicenzo	
<b>ESPAÇO DOS FUNCIONÁRIOS</b> .....	16
Semana Interna de Prevenção de Acidente de Trabalho 2009 .....	16
Por Laís Lucas Moreira	
<b>PREMIAÇÃO</b> .....	22
Prêmios recebidos pela FFLCH .....	22
<b>PRODUÇÃO DA FACULDADE</b> .....	23

Brasilien sonniger Himmel beantwortet” (“A questão, que minha mente formulou, foi respondida pelo radiante céu do Brasil.”)

Einstein se referia às medidas feitas, por ocasião do eclipse do Sol em Sobral, Ceará, em 1919, que foram a primeira grande confirmação da Teoria Geral da Relatividade.

(Fonte: Urariano Mota, em [http://www.if.ufrgs.br/spin/amf/urariano\\_LaInsignia.htm](http://www.if.ufrgs.br/spin/amf/urariano_LaInsignia.htm))

Sem nenhum demérito, é lícito dizer que se tratava da obra de grandes amadores, trabalhando isoladamente. Não havia uma escola de física no Brasil, nem no sentido amplo, muito menos no sentido estrito, de faculdade de física.

**INFORME - O senhor poderia falar sobre os professores contratados pela USP para iniciar o Curso de Física da Faculdade?**

**HF** - O professor Theodoro Ramos recebeu o encargo de procurar físicos no exterior. Recorreu ao grande físico italiano Enrico Fermi, que indicou o jovem teórico de Turim, Gleb Wataghin, de origem russa. A escolha não poderia ter sido melhor. Gleb Wataghin era uma pessoa extraordinária: um grande cientista e um homem que tinha o dom de encantar. Pode-se ter uma idéia desse seu talento lendo as entusiásticas páginas a ele dedicadas nas “Memórias” de Paulo Duarte. O próprio governador Adhemar de Barros, encorajado líder político, sucumbiu ao encanto de Wataghin.

Aqui chegado em 1934 e não encontrando nada, construiu tudo. Físico teórico, achou necessário desenvolver a parte de física experimental, aquela que mais depende de infraestrutura e tradição. Escolheu a área de Raios Cósmicos e, capturando estudantes da Escola Politécnica de grande talento, como Marcello Damy de Souza Santos, Paulus Aulus Pompéia (de índole experimental) e Mário Schenberg (de tendências teóricas), em poucos anos obteve resultados espetaculares, que tiveram repercussão mundial.

**INFORME - A partir de que momento a Física produzida na Faculdade passa a ganhar des-**

**taque e/ou projeção e em que áreas dessa ciência isso aconteceu?**

**HF** - Em 1940, num experimento realizado por Wataghin, Damy e Pompéia, foram descobertos os “chuveiros penetrantes” de raios cósmicos, fato que ganhou proeminência por ter sido citado no livro de Werner Heisenberg sobre o tema. Já havia, em todos os sentidos, uma escola brasileira de física. Nessa época, Mário Schenberg, trabalhando em física teórica, também já era um físico respeitado, assim como Abrahão de Moraes.

**INFORME - Como o senhor viu/sentiu a saída da sua disciplina (e das demais não humanas) da Faculdade? Em outros termos, como o senhor vê hoje, retrospectivamente, a separação? [curiosidade: nas Universidades importantes, foi, ou ainda é, comum as chamadas Ciências exatas e naturais estarem agrupadas institucionalmente, como foi o caso da USP, numa única Faculdade?]**

**HF** - A separação, institucionalizada em 1969-70, já começara, na Física, bem antes. As exíguas acomodações da rua Maria Antonia não podiam abrigar instalações do porte do Laboratório Van der Graaf, do Laboratório do Betatron e do Laboratório de Raios Cósmicos, os principais braços experimentais do então Departamento de Física. Este consistia, então, de uma seção teórica, na Maria Antonia, e de uma experimental, na Cidade Universitária, o que era muito incômodo para os estudantes, além de separar os físicos teóricos dos experimentais, coisa de grande inconveniência para o desenvolvimento da ciência. Pouco a pouco os teóricos foram se instalando na Cidade Universitária, e, quando se deu oficialmente a separação, já fazia tempo que ela se dera de fato. Não havia como evitá-la.

Pouco depois tudo se transferiu para a Cidade Universitária, mas as grandes dimensões do *campus* e a falta de um “fórum” que restabelesse o contato entre as áreas originalmente aglutinadas acabaram por isolar cada disciplina, criando ilhas de especialização.

Nas universidades que frequentei, no exterior, ciências exatas e humanas não pertenciam a uma mesma faculdade. Na Itália se chega ao extremo de

que as escolas de engenharia não fazem parte da universidade, constituindo-se numa unidade em si. Por outro lado, é comum que as várias ciências humanas pertençam à faculdade de Letras.

**INFORME - O senhor concordaria com a interpretação segundo a qual houve um momento, na USP, em particular, e no país, em geral, sobretudo nas décadas de 1950 e 1960 em que, a Sociologia, pelo lado das Humanas, e a Física, pelo das Ciências duras, exerceram uma espécie de primado, ou hegemonia, a qual, a partir da década de 1980 não mais foi mantida? Por quê?**

**HF** - Não sei o que dizer sobre a Sociologia. Quanto à Física, a década de 50 viu sua hegemonia no mundo, e não só, ou particularmente, no Brasil e na USP, em consequência de seu papel fundamental no final da guerra no Pacífico, cujo protagonista foi a bomba atômica. A Física passou a ser prioridade estratégica. Isto se estendeu, atenuando-se lentamente, por toda a década de 60, até atingir um patamar estável. Do ponto de vista científico, porém, a física nunca foi hegemônica na USP ou no Brasil. Esta posição sempre coube à área médico-biológica, de grande tradição desde Oswaldo Cruz.

**INFORME - Que outro(s) momento(s) o senhor gostaria de destacar na sua trajetória como físico e/ou de sua ciência?**

**HF** - Restringindo-me ao período em que atuei e à área à qual contribuí, os fatos mais importantes, a meu aviso, foram:

- (1) A criação, no imediato pós-guerra, e tornada possível graças a inovações tecnológicas necessárias à guerra, de uma eletrodinâmica quântica, que não só estendeu o eletromagnetismo ao microcosmo, mas criou a linguagem da física moderna, a teoria quântica dos campos.
- (2) A descoberta da não-conservação da paridade nas interações fracas, resolvendo, no século XX, a disputa iniciada na correspondência Leibniz-Clarke (na realidade, Leibniz-Newton), sobre se

existe ou não uma orientação natural no universo. A resposta, obtida pelos chineses Chen-Ning Yang e Tsung-Dao Lee, resolveu a contenda a favor de Newton.

- (3) A descoberta da radiação cosmológica de fundo, que essencialmente eliminou os modelos do universo alternativos ao Big Bang, e forneceu as técnicas de estudo do universo jovem, que dominam a cosmologia de hoje.
- (4) A descoberta dos quarks, por Murray Gell-Mann, um passo essencial para a descrição da microestrutura da matéria.
- (5) A descoberta, por Chen-Ning Yang e Robert Mills, das “teorias de calibre não-abelianas”, com a consequente identificação simetria-dinâmica.
- (6) A descoberta, por Y. Nambu e outros, da quebra espontânea de simetria, um ingrediente essencial da descrição da natureza e que, em particular, parece ser o mecanismo básico pelo qual as partículas ganham massa.
- (7) A hipótese das supercordas, que propõe uma maneira de unificar todas as interações.

Na minha trajetória como físico os momentos importantes estão associados a pessoas importantes, que foram os meus mestres. A maior influência em minha carreira foi o Professor José Goldemberg, cujas aulas posso considerar como a minha verdadeira iniciação à Física e à pesquisa científica. Outra influência de porte semelhante foi a do professor Jun-ichi Osada, originário do Tokyo Institute of Technology, que foi professor da USP por cerca de duas décadas, com quem aprendi quase toda a Física que sei, e muito mais do que Física. O professor Jayme Tiomno, grande físico e “*capo scuola*” (que nos foi roubado pela ditadura) tornou possível a minha vida como pesquisador, criando um brilhante grupo teórico que hoje se encontra no Departamento de Física Matemática. E, “last, but not least”, meu caro amigo Enrico Predazzi, professor da Universidade de Turim, que me mostrou, a mim e a inúmeros outros jovens brasileiros, como se trabalha em Física.

# ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO

## PROJETO VISA NOVA ORGANIZAÇÃO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA DA FFLCH

POR PRISCILLA VICENZO

No ano em que se comemoram seus 75 anos, a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas dá mais um passo para recompor sua história. O projeto *Memória da FFLCH*, que vem resgatando a trajetória de docentes e funcionários por meio de entrevistas publicadas no *Informe* (veja a seção “Memória”), ganha agora nova vertente: escrever a história da unidade também a partir da documentação existente.

O volume de documentos é imenso, chegando a aproximadamente 90.000 unidades arquivadas desde a fundação da Faculdade, em 1934. Esses documentos versam sobre assuntos como contratações de professores e funcionários e registros de alunos. Atualmente, a FFLCH gera cerca de 5 a 6 mil processos - como são chamados esses documentos - por ano.

Certamente, esses documentos retratam de maneira rica a vida da Faculdade nos últimos 75 anos e merecem arquivamento adequado. Por isso, os documentos, que antes eram mantidos em caixas e estantes de madeira e estavam sofrendo danos causados por cupins, serão agora reorganizados e alocados em estantes deslizantes e caixas poliondas, mais adequadas ao armazenamento de papel.

Para realizar essa mudança, a FFLCH encaminhou à FAPESP um projeto, aprovado no final do

ano passado, que disponibiliza verba de 81.900 reais para gastos com o arquivo. Funcionários do prédio da Administração da Faculdade realizaram um mutirão para desalojar alguns documentos que estavam guardados em locais inadequados (serviço que, se feito por uma empresa, custaria cerca de 100.000 reais) e uma empresa especializada em arquivos já instalou as novas estantes. Os próximos passos serão organizar e fazer a manutenção do arquivo, tarefa que será realizada por funcionários do Serviço de Expediente da FFLCH, com apoio de uma equipe especializada em tratamento de material para ser arquivado.

O armazenamento adequado dos processos, além de preservá-los, facilitará o acesso de pesquisadores, que se interessem pela história da Faculdade e pelo perfil de seus docentes, funcionários e alunos; também facilitará o acesso do público, em geral, a documentos preciosos.

Nas próximas edições do *Informe* você poderá acompanhar as novidades sobre o novo arquivo. Além disso, traremos algumas reportagens sobre o conteúdo do material arquivado, recompondo e levando ao leitor um pouco do passado da FFLCH.





## FFLCH É PIONEIRA EM INSTALAÇÃO DE ILUMINAÇÃO EFICIENTE

POR RENATO SANTINO

A Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas está reformando todo o seu sistema de iluminação. Desta forma, a FFLCH se tornará a primeira unidade do *campus* do Butantã a mudar seu sistema de iluminação para um mais eficiente. Em São Paulo, a Escola de Enfermagem possui o mesmo projeto.

Serão substituídas todas as lâmpadas ineficientes de 20W, 40W, 65W, 85W e 110W, com seus reatores e luminárias antigos, por lâmpadas de 16W e 32W, com reatores eletrônicos de última geração e luminárias reflexivas.

A iniciativa faz parte do Programa de Uso Eficiente de Energia na USP (PURE), que tem feito diver-

sas atividades de implantação de eficiência energética na Universidade desde 1997, mas pela primeira vez concentra seus recursos em uma Unidade.

O projeto foi viabilizado com verbas do próprio PURE (cerca de R\$ 1,2 milhão) e deve economizar até 30% de energia.

A reforma deve ser iniciada no prédio das Ciências Sociais e, em fases seguintes, estendida aos prédios de Letras e da História e Geografia, sempre durante o período das férias.

Em breve as lâmpadas, luminárias e reatores ineficientes deverão ter suas especificações retiradas do sistema de compras da Universidade de São Paulo.

## ANDAMENTO DAS REFORMAS DOS PRÉDIOS

POR RENATO SANTINO

As férias escolares não paralisam as reformas nos prédios da FFLCH. As obras prosseguem em ritmo intenso para estar em um estágio mais avançado logo ao início das aulas.

O destaque da reforma é a conclusão das obras de acessibilidade na Casa de Cultura Japonesa, prevista para o fim do mês de julho, quando também serão entregues o novo elevador hidráulico e a plataforma.

No prédio de História e Geografia estão sendo realizados os últimos retoques nos banheiros dos funcionários e professores. A entrega está prevista para

o fim do mês de julho. Além disso, as duas torres dos elevadores estão em fase de acabamento e também tem entrega prevista para o fim do mês.

Nas Ciências Sociais, teve início a colocação do piso na sala 14, com previsão de término para o final de julho. Também foram iniciadas as reformas da sala 24.

A coluna de banheiros do prédio de Letras está em fase de conclusão e também devem ser entregues até o final do mês. Também estão sendo concluídas as marquises. Além disso, foram iniciados os serviços de acabamento nas salas restantes.



## EVENTOS

### UNIVERSIDADE EM DISCUSSÃO

POR ROBERTA CYRILLO

No dia 28 de abril o Serviço de Comunicação Social da FFLCH realizou a 6ª edição do programa *Universidade em discussão*.

O programa que pretende discutir temas que estão em pauta na sociedade contou com a participação dos professores Wanderley Messias da Costa (DG), Cícero Romão Resende de Araujo (DCP) e o

Vice-Diretor da Faculdade Professor Modesto Florenzano (DH).

O tema debatido foi: A Universidade e seu papel na sociedade. O programa foi transmitido ao vivo pelo IPTV e pode, assim como os debates anteriores, ser assistido no website do Serviço de Comunicação Social da FFLCH: [www.fflch.usp.br/scs](http://www.fflch.usp.br/scs).

### REUNIÃO COM DOCENTES APOSENTADOS

POR LAÍS LUCAS MOREIRA

Por iniciativa da Congregação da FFLCH-USP, houve uma reunião no mês de maio, à qual compareceram cerca de 40 docentes aposentados para discutirem os termos do Programa “Colaborador *Sênior*”.

O motivo que levou a Congregação a propor esta reunião foi o fato de ela ter-se posicionado contra este termo de compromisso do programa, tendo em vista que historicamente nossos docentes aposentados têm contribuído muito para nossa pós-graduação e para a nossa produção científica. Atualmente, 30% dos docentes da pós-graduação são aposentados. Há também docentes aposentados que se dedicam com muito empenho à graduação.

No ano passado, os docentes aposentados colaboradores de nossa pós-graduação não receberam o prêmio de produtividade acadêmica, no valor de 1000 reais, concedido pela Reitoria a todos os docentes e funcionários da ativa por não terem assinado o termo de compromisso, apesar dos esclarecimentos feitos pela diretoria no que se refere à especificidade de nossa Faculdade na sua relação com os docentes aposentados. A Congregação houve por bem reunir os docentes aposentados para prestar esses esclarecimentos e ter acesso às suas

posições sobre o referido Programa.

A partir da Resolução nº 5471, de 15 de setembro de 2008, a Reitoria da Universidade lançou o Programa, motivo de muita discussão entre professores aposentados e da ativa. Basicamente, o Programa “Colaborador *Sênior*” prevê o cumprimento de artigos e regras para professores aposentados que dão continuidade às suas atuações nos programas de pós-graduação, na pesquisa e na graduação.

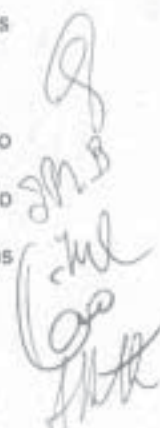
Dentre as mais diversas manifestações, os professores disseram que acharam boa a iniciativa da Congregação da FFLCH de promover essa consulta sobre o Programa entre os diretamente concernidos, uma vez que, em função disso, sentem-se mais próximos à Universidade. Porém, julgam que a Resolução aumenta a distância entre docentes ativos e aposentados, o que é, hoje, uma das maiores preocupações dessa parcela de professores.

Resolvidas as dúvidas e debatido o assunto, os professores compuseram uma comissão para elaborar um documento oficial dos aposentados, a ser encaminhado à Reitoria depois de aprovado pela Congregação. Ei-lo na íntegra:

### **Manifesto dos docentes aposentados da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo**

Docentes aposentados da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, reunidos em 14 de maio do ano corrente no Salão Nobre da Faculdade, a convite da direção da Unidade, para discutir o "Termo de Compromisso do Programa de Colaborador Sênior" (Resolução nº 5.471 de 15/09/08) concordaram em manifestar à Congregação da Faculdade o que se segue:

- 1) entendem a intenção da Universidade de implementar mecanismos que impeçam a colocação do patrimônio público a serviço de interesses particulares de seus docentes, aposentados ou não;
- 2) entendem, igualmente, no entanto, que a mencionada Resolução, bem como o "Termo de Colaboração e Permissão de Uso" estabelecido pela Resolução nº 3.975 de 25/11/92, ora impostos aos docentes aposentados que continuam a colaborar com a Universidade, significam a introdução de medidas burocráticas que atrelam o docente à obrigação permanente de submeter seus trabalhos acadêmicos às diversas instâncias da Faculdade, tarefas das quais o aposentado deve ser isento, já que com sua presença altamente significativa em termos percentuais tem contribuído para a avaliação positiva dos cursos de pós-graduação da nossa Faculdade e cujas atividades, exercidas ao longo de muitos anos, foram decisivas para a obtenção do nível de excelência nacional e internacional de que goza a Universidade de São Paulo;
- 3) entendem, também, que para formalizar a colaboração de docentes aposentados nas atividades dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação bastará um convite, por escrito, do respectivo Departamento, tal como já é praxe em alguns departamentos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas;
- 4) entendem que, nesse convite, poderá constar referência à colaboração do aposentado a título voluntário, assim como a limitação do uso do patrimônio público (laboratórios, bibliotecas, etc.) apenas à execução de projetos afetos





diretamente à Universidade. A aceitação por escrito desse convite por parte do aposentado, é o bastante como compromisso para preservar os interesses da instituição;

- 5) entendem ainda que, medidas como a premiação recente dos funcionários e docentes na ativa, assim como dos aposentados signatários do “Termo de Compromisso do Programa de Colaborador Sênior”...excluindo a quase totalidade dos aposentados; a atual proposta de reformulação da carreira acadêmica, bem como a transferência do pagamento dos aposentados para a São Paulo Previdência, indicam uma futura diferenciação salarial da categoria, o que trará graves conseqüências para a união dos professores universitários em suas possíveis reivindicações de qualquer natureza, ferindo profundamente a ética que deve reger o espírito universitário.

Assim sendo, os presentes à reunião designaram uma comissão para redigir e assinar em seu nome este Manifesto, a ser encaminhado à Direção da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, com cópia para a Associação dos Docentes da Universidade de São Paulo (ADUSP).

São Paulo, 14 de maio de 2009

  
Profª Dra. Ana Maria Marques Camargo Marangoni

  
Prof. Dr. Francisco Capuano Scariato

  
Profª Dra. Jaffa Rifka Berezin

  
Profª Dra. Maria de Lourdes Monaco Janotti

  
Prof. Dr. Mario Miguel Gonzalez

  
Profª Dra. Suelly Robles Reis de Queiroz

# ENTREVISTA

## ENTREVISTA COM PROF. DR. JOSÉ ÁLVARO MOISÉS

POR RENATO SANTINO

O que o brasileiro pensa da democracia? O regime ainda é recente no país, instalado definitivamente há 20 anos, mas já mostra sinais de enraizamento na cultura nacional.

Buscando compreender melhor o que representa esta nova fase da história do Brasil, o Prof. Dr. José Álvaro Moisés, professor do Departamento de Ciência Política da FFLCH e Coordenador Científico do Núcleo de Pesquisas de Políticas Públicas (NUPPs) produziu uma obra denominada *Os significados da democracia segundo os brasileiros*.

O texto também deu origem a um seminário, promovido pelo NUPPs, realizado em maio deste ano, parte do programa *Seminários do Núcleo*, no qual pesquisadores apresentam os resultados e avanços dos estudos atualmente em desenvolvimento.

**Informe - O Brasil tem uma experiência bastante curta com a democracia. Até que ponto, de fato, o brasileiro já entende o regime democrático no qual vive?**

**José Álvaro Moisés** - As pesquisas que venho realizando desde 1989 sobre a cultura política dos brasileiros (com apoio da FAPESP e do CNPq) mostram que, com o passar do tempo, a maioria dos entrevistados tornou-se capaz de definir a democracia em termos de dois dos seus mais importantes componentes, a dimensão relativa a princípios, como a liberdade e a igualdade, e a dimensão referente aos procedimentos. Ou seja, as pessoas definem o regime democrático por seu conteúdo e por suas instituições, que, precisamente, são o meio de realizar aquele conteúdo. É uma definição razoavelmente sofisticada, comparável à de outros povos que se democratizaram nos últimos 30 anos, no Sudeste e no Leste da Europa e na Ásia.

Isso está associado a dois aspectos importantes que devem ser considerados na análise da experiência democrática brasileira: por uma parte, com a tra-

dição liberal-democrática que vem pelo menos desde meados do século XX; e, por outra, com a experiência autoritária de mais de vinte anos. Ainda que essa experiência tenha terminado em meados dos anos 80, a memória e o conhecimento de suas implicações – como o terror implantado pelo Estado naquele período – estão presentes e influem sobre a cultura política vigente. Afora isso, não há dúvida também de que a estabilidade econômica alcançada em décadas recentes, assim como alguns resultados na área social, são fatores importantes na sedimentação da adesão dos brasileiros à democracia. E quanto mais essa adesão se consolida (ela era algo em torno de 46% em 1989 e superou 70% em 2006), propiciando uma experiência muito diferente daquela que o país conheceu durante o autoritarismo, maiores são as possibilidades de compreensão do regime pelas pessoas comuns, embora um claro limite para isso sejam os níveis educacionais dos brasileiros, em geral, muito baixos.

**Informe - Como explicar a fé do brasileiro na democracia quando, ao mesmo tempo, podemos notar na população a descrença pelas instituições de manutenção do regime? Por que o brasileiro não prefere outras formas de governo?**

**JAM** - As pesquisas realizadas no Brasil confirmam um aspecto que já tinha sido verificado em outros países que se democratizaram recentemente ou mesmo em países de democracia consolidada: o fenômeno do apoio ou de adesão ao regime democrático é multidimensional, e essa multidimensionalidade significa que, na maioria das vezes, o apoio a uma das dimensões não implica necessariamente em apoio nas demais. Por outras palavras, as pessoas podem expressar uma adesão normativa à democracia – isto é, aos seus princípios e aos seus ideais – e, ao mesmo tempo, serem críticas em relação ao modo de funcionamento prático do regime, especialmente no que se refere ao

modo como as suas instituições operam, ou em relação à ação de governos e de líderes políticos específicos. Essa distinção entre a democracia vista como um ideal e a avaliação prática de dimensões do seu funcionamento concreto foi considerada por vários analistas como uma indicação de que, na avaliação do regime democrático, as pessoas comuns mobilizam, ao mesmo tempo, motivações normativas (os ideais, os princípios, etc.) e motivações racionais que se referem à apreciação dos resultados práticos do regime. Isto, ao contrário do que sustentam algumas abordagens teóricas, não é uma contradição, mas uma indicação da complexidade do fenômeno e uma exigência de que os modelos analíticos dos processos de democratização devem integrar – ao invés de dissociar – essas diferentes dimensões. Para enfatizar ainda mais: as pessoas comuns podem ter expectativas altas a respeito do regime e, ao mesmo tempo, serem capazes de perceber – a partir da sua experiência prática – que algumas de suas instituições não se desempenham de acordo com os seus objetivos. Isso gera críticas e descrença nas instituições, mas não compromete a legitimidade adquirida pelo regime, expressa na adesão normativa que ele recebe das pessoas comuns.

**Informe - De que forma a baixa escolaridade da população brasileira e a grande disparidade social existente no país influem na visão do brasileiro sobre a democracia?**

**JAM** - Os dados das pesquisas são muito claros: quanto mais escolarizados são os entrevistados, maiores as probabilidades de que eles prefiram o regime democrático (em contraposição a uma posição de indiferença diante das alternativas, mas não de escolha do autoritarismo), se sintam mais capazes de influir nos rumos do país, se disponham a mais participação política, e, ao mesmo tempo, sejam mais críticos em relação aos governos, do mesmo modo que em relação às instituições. Isso não é assim somente no Brasil ou na América Latina, esse fenômeno é universal e é relativamente fácil de explicar: o sistema democrático, ao contrário do autoritarismo, é bastante complexo e exige conhecimento sobre o seu funcionamento. Quanto mais altos os níveis educacionais, maior probabilidade de cognição e de entendimento do funcionamento do regime; em consequência, essas pessoas não apenas tendem a se definir como democráticas, como são mais capazes

de ter uma visão mais clara do significado da democracia. O efeito das disparidades sociais e dos níveis do desenvolvimento vão na mesma direção: pessoas de renda mais baixa e/ou residentes em regiões de desenvolvimento econômico e social mais baixo têm mais dificuldade de definir o regime e de compreender a complexidade do seu funcionamento. Isso é um claro indicador de que o desenvolvimento – e, em consequência, a expansão do acesso à educação – são condições indispensáveis do avanço da democratização, embora não sejam as únicas.

**Informe - É possível a instituição de uma democracia plena e participativa no Brasil, mesmo com as altas taxas de analfabetismo funcional do país?**

**JAM** - O Brasil já é em certo sentido uma democracia participativa. A ampliação do sufrágio no país, durante o século XX, foi extraordinária. No entanto, considerando que o ato de votar não esgota as possibilidades de participação política, quando examinamos os índices de participação convencional e não-convencional, em particular, os indicadores de associativismo no país – são todos muito baixos. Isso indica que prevalece na sociedade brasileira uma concepção de que, votando e entregando as rédeas do governo para quem disputa essa posição pela competição eleitoral, o dever cívico está encerrado. Isso está em contradição com a perspectiva que advoga que a qualidade da democracia, em qualquer lugar, depende também dos níveis de envolvimento dos cidadãos com a política e com as ações dos governos. Os cidadãos, na sua condição de eleitores, são soberanos para escolher *quem* os governa, mas as questões relativas ao *como* se governa (com mais ou menos abuso de poder, com disposição ou não de atender às expectativas públicas, com corrupção, etc.), e aos resultados concretos dos governos, dependem do acionamento das instituições, especialmente os parlamentos, os partidos políticos, as cortes judiciais e assim por diante. Ora, esse acionamento depende da participação política.

O que fazer para aumentar a participação política no Brasil? Além de melhorar o acesso dos brasileiros à educação, é preciso criar incentivos institucionais para que as pessoas comuns participem: é preciso ampliar as instâncias de deliberação em todas as esferas (conselhos, comitês, etc.), mas, ao mesmo tempo, é preciso que especialmente os partidos se abram à participação dos eleitores, mes-

mo que eles não sejam filiados a esses partidos. No Brasil, ao contrário da experiência norte-americana e de alguns países europeus, os principais partidos morrem de medo que os eleitores se envolvam nos processos de escolhas de candidatos aos cargos

eletivos. É o resquício de uma cultura política patrimonial e hierárquica, em que só mandam os que têm posição de destaque. O efeito é extraordinariamente negativo, mas exemplos semelhantes podem ser encontrados em outras instituições.

## MEMÓRIA

### PROF<sup>a</sup> DRA. MARIA ARMINDA DO NASCIMENTO ARRUDA (DS)

POR PRISCILLA VICENZO

**INFORME: Gostaria que a senhora comentasse um pouco sua formação acadêmica e os motivos que a levaram a escolher o curso de Ciências Sociais.**

**Maria Arminda do Nascimento:** Na verdade, eu não pensava em fazer Ciências Sociais. Eu não sou de São Paulo, nasci em Minas Gerais e depois minha família se radicou no Rio de Janeiro. Eu vim de lá para São Paulo e minha impressão quando eu estava para terminar o colegial era de que eu tinha duas possibilidades de carreira: uma seria fazer Direito, naquela época eu tinha a visão romântica do júri; a outra era fazer Artes Cênicas, porque eu gostava muito de teatro, tinha feito alguma coisa em teatro amador e, portanto, julguei que a minha vocação estaria ou no Direito ou nas Artes. Eu venho de uma família para a qual a cultura sempre foi importante. Apesar de eu ter origem agrária e ter passado minha infância em fazenda, minha casa era repleta de livros, meu pai sempre foi uma pessoa preocupada com a literatura; ele é poeta, escreveu também novelas. Então, a idéia de estar no campo da cultura, da vida intelectual e não das ciências, era uma coisa que estava impregnada em mim, porque desde pequena eu lidei com a importância que a literatura e as artes tinham em nossa vida. Por isso, eu pensei em fazer Direito, Teatro, ou então, quem sabe, Letras. Acontece que quando nós viemos para São Paulo – fiz o fim do colegial aqui – eu conheci um grupo de estudantes muito engajados politicamente. Esse engajamento político à esquerda era uma

coisa muito distante do meu universo, mas eu me envolvi com esse grupo, era uma militante. Era um problema da minha geração, uma geração que apostou na revolução, na mudança do Brasil, pois era a época do regime militar. E eu fiz uma identificação entre Sociologia e Socialismo. Aliás, essa identificação é antiga: eu ouvi o professor Antonio Candido falar que a geração dele também fazia essa identificação. Nesse campo, eu achei que só o curso de Ciências Sociais podia me oferecer uma formação que fosse coerente com as minhas preocupações. Eu descobri uma São Paulo muito moderna, eu comecei a fazer parte desse grupo de jovens que ia ao cinema, que ia ao teatro, que ia a exposições. Eu estava encantada com esse novo mundo e optei por fazer Ciências Sociais.

Fiz o vestibular e fui aprovada. Cheguei a tentar fazer teatro na ECA (naquela época era permitido), mas desisti logo de início porque achei que não era a minha real vocação. Era muito jovem, tinha 17 anos, e fiz uma identificação muito errada entre teatro e visão burguesa de mundo. A escolha do curso de Ciências Sociais era no fundo uma questão política. Hoje eu percebo que era uma opção também por uma certa autonomia e liberdade. Eu estava muito ligada a essa sociedade e a essa cidade (São Paulo) muito moderna; não que o Rio não fosse, era, mas de forma diferente. Eu vivia num reduto familiar e me defrontei com uma cidade moderna, que tem um ritmo avassalador. E foi no bojo dessa nova vivência e dessas novas experiências que eu escolhi o curso de Ciências Sociais. Quan-

do entrei já estava certo para mim que eu queria ser socióloga. Naquela época o vestibular era muito difícil e concorrido. Eu até me lembro da minha classificação, eu fui a 16ª num conjunto de um pouco mais de 30. Acho que contei com a formação que eu trazia, pois estudei muito pouco para o vestibular, por vários motivos, entre eles esse meu deslumbramento com as questões sociais.

De início não foi fácil. Quando eu me formei, tive a impressão de que tinha feito uma escolha totalmente errada, que não conseguia encontrar na Sociologia o que gostaria para minha realização, até porque minha inclinação era sempre para a área da cultura e eu não achava um lugar confortável aí.

**INFORME: E senhora começou o mestrado logo após o término da graduação?**

**MAN:** Sim, comecei logo após um mestrado sobre publicidade que resultou num livro que até se esgotou, porque ninguém escrevia sobre o tema naquele momento. Acabou sendo um livro de referência para quem entrava nessa área, porque publicidade não era um tema acadêmico. É o *Embalagem do sistema*, que teve a primeira edição em 1985.

Depois, eu saí da área da Sociologia da Comunicação e fui me encaminhando mais para a Sociologia da Cultura propriamente dita, para a história intelectual, para o pensamento intelectual, enfim, para estudar o Modernismo e sua relação com a vida social e os contextos urbanos.

**INFORME: A senhora iniciou a graduação em 1967. Acompanhou a mudança da Faculdade para o campus no Butantã?**

**MAN:** Acompanhei. Fiquei muito pouco tempo na Maria Antonia, apenas um ano; quase todo meu curso foi feito aqui, nos chamados “barracões”. O início do ano de 1968 foi muito conturbado, já no primeiro semestre. Mas a experiência da Maria Antonia era única. A Maria Antonia era um cosmos, o que não quer dizer, na minha maneira de ver, que a partir daí nós temos que apagar todas as questões presentes em todos os lugares: nenhum lugar é isento de problemas, ou pode ser santificado, a história não deve ser mitificada. Mas a experiência foi única, sobretudo para quem de fato se formou lá. Imagine que o saguão da Maria Antonia congregava quase toda USP, pessoas de vários cursos. Ela era um verdadeiro caldeirão em ebulição política, do ponto de vista das idéias,

da criação. Enquanto a Cidade Universitária é completamente diversa, diluiu tudo isso, inclusive com a separação espacial. Muitos prédios foram construídos em regime de urgência e não são prédios voltados para agasalhar a convivência, o que talvez nem fosse desejável para os construtores naquele momento. Houve uma imensa mudança na vida universitária, mas eu não sou daquelas pessoas que acham que o passado foi maravilhoso e o presente é um horror. A mudança é a dinâmica da vida, devemos saber lidar com os tempos. E isso quer dizer que há coisas positivas e também problemas em todos os momentos. Eu diria que o currículo de Ciências Sociais hoje é muito mais organizado do que foi na minha época, o que não quer dizer que a formação seja mais densa. Isso escapa às vezes à organização de um currículo. Eu estudei em anos conturbados, com muitas greves, em que a repressão caiu dura sobre a Universidade, desmantelou muitos projetos. A Maria Antonia tinha a singularidade de ser um centro que congregava tudo, parecia que tudo acontecia naquele saguão. Infelizmente, eu vivi pouco tempo lá, num período de transição, de muita mudança. Mas o meu curso foi muito bom, a despeito disso tudo. Um curso não depende só de como ele é burocraticamente montado, mas também de alunos motivados. E isso minha geração era.

**INFORME: E a reestruturação do curso na Cidade Universitária, foi muito demorada?**

**MAN:** O primeiro período foi de tentativa de sobrevivência. Lembro-me que nos barracões (onde hoje é o Instituto de Psicologia), quando tinha sol fazia muito calor na sala de aula, quando chovia fazia muito barulho e não se ouvia o que o professor falava. Quando vejo reivindicações sobre espaços eu fico absolutamente pasma porque os espaços não existem independentemente dos tempos e das vontades, para plagiar Camões (“Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades”). Foi um tempo de sobrevivência, os professores que sustentaram nossa formação tinham uma atitude heróica de manter a qualidade da formação a despeito da adversidade dos tempos. Nos barracões eu comecei a ter curso com o Fernando Henrique Cardoso, que durou um mês, se tanto: ele foi aposentado compulsoriamente. Os professores de política conversavam conosco, tentavam retomar o curso. Eram coisas difíceis de serem feitas, mas eu não me queixo, muito ao contrário, tenho orgulho de minha formação. Tenho orgulho



dos meus professores, que sempre prezei muito, reconheci que tiveram atitudes heróicas para preservar a qualidade do curso de Ciências Sociais, que resultaram numa ótima formação. Havia muita disposição dos alunos também. Hoje, numa universidade de massa, numa sala os alunos motivados não chegam à metade, não sabem bem porque estão ali. Nós sabíamos, e isso era diferente. Mas tínhamos os problemas que todos os tempos têm. Eu não tenho a tendência de edenizar o que passou. Era muito mais difícil ser professor na minha época do que hoje, deste ponto de vista. Ser professor hoje também é muito complexo, é preciso prestar contas, a atividade ficou muito amordaçada, mas você tem liberdade para exercer sua profissão, o que não havia naquele momento. Acho que não posso reclamar de nada, reconhecimento que tive a melhor formação possível. Também devo dizer que havia estudantes com todo o interesse em preservar a vida acadêmica, em buscar espaços de liberdade intelectual, cultural. Os alunos estavam motivados e tinham, sobretudo, uma preocupação com a preservação do patrimônio da Universidade tão ameaçado. E isso alterava tudo.

**INFORME: A senhora poderia falar um pouco sobre suas pesquisas de pós-graduação?**

**MAN:** Fiz meu mestrado sob orientação do professor Gabriel Cohn. O professor deu um curso para minha turma, no último ano, sobre Sociologia da Comunicação, discutindo os frankfurtianos, em especial Adorno. Minha turma teve o privilégio de acompanhar esse curso. Trazer o debate sobre os frankfurtianos naquele momento tinha um profundo significado para nós, não só porque estávamos entrando num outro universo de discussão, mas porque os frankfurtianos renovavam uma visão estreita que a minha geração tinha do marxismo. Eles arejavam o debate, pois no Brasil, no período da ditadura, o marxismo ficou bastante engessado. Não era bem o caso da USP, do curso de Ciências Sociais, mas havia em outros lugares uma visão muito dogmática e esquemática, que vai contra a criatividade e inventividade, contra até o próprio marxismo. Minha sala, então, ficou muito fascinada por aquele curso. Era um momento de emergência do sistema da indústria cultural no Brasil, uma renovação absoluta com, por exemplo, o aparecimento da TV Globo. E era um momento autoritário. Portanto, a indústria cultural no Brasil se forma num contexto autoritário, numa relação de proximidade com as orientações gerais do regime. A idéia de es-

tudar a indústria cultural era dar conta de um processo novo de produção sistemática de cultura pela via empresarial, e também dar conta das dimensões da reprodução social, da reprodução ideológica que estaria acontecendo no mundo naquele momento.

Meu primeiro projeto era sobre programas de auditório. Acho que é porque eu jamais gostei de televisão propriamente, mas sempre me pareceu que para dar conta da televisão eu precisaria dar conta dos mecanismos empresariais que a sustentam. Isso me levou a estudar Publicidade e as dimensões da reprodução na Publicidade. Quando fui escrever o trabalho, a Publicidade, que era para ser tratada em um capítulo, ganhou uma dimensão autônoma. Meu mestrado resultou nessa tentativa de entrar no tema, de dar suportes econômico-sociais à indústria cultural para depois tratar das mensagens, que ficaram bastante adormecidas, que pensei em tratar no doutorado.

Entrei no doutorado com um tema como este, e quando já estava com a pesquisa toda desenhada (fiz uma imensa pesquisa do programa Sílvia Santos, assisti ao vivo, fiz gráficos), eu me levantei um dia e disse “não vou escrever mais sobre esse assunto”. Na minha casa acharam que eu tinha tido um surto, que eu era uma pessoa esgotada e que isso passaria. Mas no outro dia eu me levantei e disse a mesma coisa. “Não vou fazer porque não quero, porque não gosto”.

Eu já estava fazendo a tese de doutoramento sob orientação do professor Azis Simões. Eu tive que construir um tema novo; a solução era buscar o que eu gostaria de fazer no meu mais íntimo. Eu sou mineira e sempre gostei de Literatura. Lembro-me que quando era estudante de Ciências Sociais pensava que algum dia escreveria algo sobre Drummond e Guimarães Rosa. Eu gosto muito de ler poesia, leio todos os dias até hoje. Meu orientador apostou em mim e surgiu o *Mitologia da mineiridade*. A Literatura é uma parte pequena do livro, fui ampliando a pesquisa, trabalhei com a construção das imagens sobre Minas, o discurso político. Na verdade, o que eu tentei fazer, além de discutir a identidade de Minas, foi montar uma análise de sistema cultural, investigando as origens no século XVIII, mas centrada, sobretudo, no século XX, e então me envolvi com os modernistas mineiros. É um tema que ando pesquisando de novo, as diferenças regionais do Modernismo no Brasil.

O *Mitologia da modernidade* surgiu num momento muito favorável do ponto de vista político. A morte de Tancredo Neves, o problema da nova República. Eu tratava da tradição política de Minas, a

relação entre política e literatura, os ensaios, a historiografia. É um livro que tem uma tendência a trabalhar com diversidade de fontes.

**INFORME: Gostaria que a senhora falasse um pouco também da sua carreira docente.**

**MAN:** Minha carreira docente é tardia. Quando me formei, dei aula na PUC por um ano, no curso básico. Eu pedi demissão. Naquela época não conseguia conciliar as atividades na PUC, onde tinha de dar aulas quase todos os dias, com a pós-graduação. Também estava formando minha família naquele momento. E acabei optando pela pós-graduação.

Escolhas passadas foram feitas e eu não posso julgá-las. Teve um lado bom, porque pude estudar muito. E o lado complexo de sair da vida profissional: voltar não é fácil.

Depois que eu defendi o mestrado fui dar aula numa faculdade privada, a Farias Brito, em Guarulhos. No fundo, foi onde eu aprendi a dar aula.

Dela, fui para a Fundação Getúlio Vargas, onde fiquei por uns três anos.

Mas tive uma experiência marcante e que mudou muito da minha trajetória intelectual: foi o convite que Sérgio Miceli me fez para fazer parte do projeto de História das Ciências Sociais do Brasil no IDESP. Foi quando comecei a desenvolver minhas preocupações com o tema, a estudar a obra do Florestan Fernandes. Acabei ficando muito marcada por essa pesquisa.

Em 1988 eu já era doutora e prestei um concurso. Fui admitida para o Departamento de Sociologia e de lá virei professora da USP, coisa que não estava no meu projeto original. Falar isso parece que estou fazendo gênero, mas quase desisti de prestar o concurso na última hora. Já estava indo embora quando encontrei um professor conhecido que me chamou para sortear o ponto. Eu, por vergonha, entrei.

É claro que minha vida acadêmica está ligada a essa casa, e eu me orgulho disso. Essa casa é parte da minha história, está entranhada em mim.

**INFORME: A FFLCH comemora, em 2009, 75 anos. Como a senhora vê a situação atual da Faculdade e quais seriam suas expectativas para seu futuro?**

**MAN:** Eu tenho uma imensa preocupação com a Universidade e com a Faculdade, especialmente no que diz respeito à valorização das questões acadêmicas. Isso não quer dizer que eu queira uma universidade apascentada, ao contrário. Mas eu não gostaria que outras perspectivas ultrapassassem o

que é o sentido, o coração da Universidade: a formação, a pesquisa, o pensamento de ponta, uma visão crítica e participativa do mundo. Não aprecio certas atitudes de destruição da Universidade, de desrespeito pelo espaço público. Mas isso não quer dizer que eu tenha uma visão catastrofista. No período de gestão como chefe do Departamento de Sociologia, aprendi muito. Sempre aprendemos muito se tivermos o espírito aberto para o mundo. Aprendi convivendo com os jovens estudantes, pós-graduandos e professores. Tenho percebido que os tempos são mesmo outros e que temos que encontrar uma forma de viver à altura dos tempos e de procurar caminhos dignos. Não adianta imaginarmos uma universidade modelada por uma visão do passado. O mundo mudou.

Mas o que eu vejo é que nós, como instituição, não estamos conseguindo responder a esses desafios, estamos todos perplexos.

Não acho que a universidade deva estar no mesmo plano da dinâmica da sociedade, senão ela perde recuo crítico e vira sintoma social dominante. Mas também não pode estar afastada. O grande desafio é saber como inseri-la na sociedade, e isso é uma coisa que só podemos pensar coletivamente e com maturidade e capacidade de dialogar, é o que há de mais humano e superior: o diálogo e a palavra.

Não podemos reduzir a Universidade a demandas particularistas nem exclusivas de ninguém. A universidade, por vocação, deve ter uma visão a mais abrangente e a mais geral possível das coisas. Ela implica a noção mesmo da universalidade. Ela não pode estar no nível de demandas particularistas e nem do conjunto social, senão ela se torna, repito, sintoma social dominante, mas também não pode ficar afastada, sob pena de não responder a mais nada e nós ficarmos ritualisticamente voltados para nós mesmos. Qual é, então, a forma específica à universidade de se inserir nesses novos tempos? Esse é o grande desafio. Eu não tenho a resposta, e acho que ninguém a tem individualmente. Não sei se um coletivo a terá, mas ele é a única possibilidade de pensar a questão. Para isso, é preciso que nós tenhamos grandezas para nos despojarmos de nossas vontades mais particulares. E lidar com a Universidade com respeito, porque ela é um patrimônio público. Temos que reinstaurar a dimensão pública, que está muito esmaecida nos tempos que correm. Eu não tenho uma resposta, nós temos que pensar. Mas a universidade não é para isso?

# ESPAÇO DOS FUNCIONÁRIOS

## SEMANA INTERNA DE PREVENÇÃO DE ACIDENTE DO TRABALHO 2009

POR LAÍS LUCAS MOREIRA

De 13 a 17 de abril aconteceu, no Espaço da Antiga Biblioteca da História, a Semana Interna de Prevenção de Acidentes de Trabalho de 2009. Contando com ótimos palestrantes, participantes numerosos e assíduos, entre outras atrações, a SIPAT desse ano trouxe à luz temas de extrema importância. Confira um resumo de como tudo isso se deu durante os cinco dias de evento.

Logo na chegada, todos os dias, os participantes preenchiavam um cupom e lista de presença. Esse cupom, ao final de cada dia, dava direito ao sorteio de centenas de brindes, enquanto a lista contabilizava aqueles que receberiam os certificados de presença da Semana. Quando todos se sentavam, dava-se início às palestras, sempre com a apresentação e introdução de Lucas, Presidente da CIPA (Comissão Interna de Prevenção de Acidentes). Confira, dia após dia, tudo o que aconteceu em cada etapa do evento:

### 1º DIA – 11.04

A semana se iniciou com o Hino Nacional seguido de breve abertura do Professor Modesto Florenzano, vice-diretor da Faculdade, representando a diretora, Professora Sandra Margarida Nitrini. O professor, que é historiador da FFLCH, comentou rapidamente a programação, citou os gregos na célebre frase “mente sã em corpo sadio” – que, segundo ele, nos tempos atuais se transformaria em “mente sadia, corpo sadio e ambiente sadio” – e, finalizando, parabenizou a organização do evento.

Um breve atraso do palestrante, Tadeu, Bombeiro Civil do Grupo de Estudos Técnicos de Segurança da USP, fez com que houvesse uma inversão da programação, conferindo aos participantes, mais cedo do que o esperado, um pouco da sempre afinadíssima e impressionante apresentação de Gabriel Meduri – funcionário da Faculdade – e Ivan.

O palestrante chega e inicia sua palestra cujo tema se desenvolveu em torno de “Primeiros Socorros e combate ao princípio de incêndio”. Tadeu deu início à sua palestra mostrando aos participantes dois vídeos que falavam a respeito de grandes incêndios que ocorreram no passado, dos Edifícios Andraus e Joelma. Os vídeos mostraram as possíveis causas do acidente, os feridos, a ação dos bombeiros e a dimensão do desastre causado em ambos os casos. O palestrante informou que, da época dos incêndios para os dias de hoje, foram atualizadas as normas e o código de segurança em prédios, o que permite agora procedimentos muito mais tranquilos e organizados.

Em seguida, falou de um acordo que está sendo estabelecido entre as unidades da USP e os GETs, que é o Grupo de Estudos Técnicos em conjunto com os bombeiros. Esse acordo visa formar brigadas de incêndio, uma para cada Faculdade, que agiriam como agentes multiplicadores disponíveis não apenas no trabalho, mas também nas residências e em outros locais, servindo à sociedade como um todo. Segundo ele, tal planejamento para casos de incêndio, impediria situações de pânico. A brigada age orientando as pessoas que estão dentro do local e fornecendo os primeiros socorros, assim tudo se resolve sem maiores complicações.

No treinamento de brigada, além dos primeiros socorros e auxílio à evacuação de pessoas do local, trabalha-se também o equilíbrio emocional como fator fortemente ligado à prevenção, tornando-se um elemento crucial no momento de emergência.

Finalizando, um ponto esclarecido foi que, no caso da FFLCH, de acordo com Lucas, separou-se a equipe de brigada e a equipe da CIPA. Isso aconteceu, pois quem participa da primeira pode exercer essa função por tempo indeterminado, enquanto os participantes da CIPA têm carreira limitada na Comissão.

Confira algumas dicas que Tadeu citou para que incêndios sejam evitados:

- Desligar máquinas para que não fiquem muito tempo aquecendo e gerando energia. O ideal é que, caso a pessoa vá ficar mais de duas horas sem utilizá-la, esta seja desligada.

- Não ligar todas as tomadas em um único local (como em benjamins), isso pode provocar um curto circuito. O melhor é trocar por uma régua com função liga/desliga ou tomadas diferentes.

- Não acender cigarros em locais carpetados ou com tapete.

- Tomar cuidado com botijões de gás ligados.

Em caso de dúvidas, mais informações, solicitações ou ainda para conhecer a Unidade dos Bombeiros da USP, Tadeu deixou um contato à disposição: 3091-4222/3222.

Assim que o palestrante finalizou, Gabriel e Ivan voltaram a se apresentar, o que aconteceu concomitantemente com o *coffee break*. Posteriormente, houve o sorteio de alguns brindes através dos cupons preenchidos na entrada do evento.

## 2º DIA – 12.04

O segundo dia de palestras teve como palestrante Luiza Laforgia Gavaldon com sua apresentação denominada “Assédio Moral no Ambiente de Trabalho: Causas e consequências psíquicas”.

A palestrante iniciou sua apresentação dizendo que assédio moral é uma doença da alma, que só acontece quando o assediado permite a situação – e para isso existem razões psicológicas que, na maioria das vezes, ele próprio desconhece. Além disso, é uma prática criminosa e quem pratica deve ser punido.

Elementos básicos que configuram assédio moral são humilhação e destruição do outro – mas só a partir do momento em que se refere a apenas uma pessoa. Luiza deixou claro que, uma pessoa que trata a todos mal, não está assediando todo mundo moralmente. Só se qualifica assédio moral propriamente dito, quando há uma determinada “vítima”.

Segundo ela, os indivíduos são moldados até os sete anos de idade, ou seja, encararemos o mundo conforme nos foi ensinado até aí. Em outras palavras, se uma criança cresce ouvindo que é ‘burra’, tomará aquilo como verdade e o levará durante toda sua vida, mesmo que inconscientemente, podendo prejudicar seu desenvolvimento. Da mesma forma, o processo é inverso quando dizemos que ela é ‘inteligente’, isto é, estamos auxiliando em vários aspectos ao longo de sua vida.

Assim, o assediado “procura” esse sofrimento, ou seja, geralmente, ele escolhe, inconscientemente, pessoas com quem vai se relacionar sempre em função do que necessita. O assediado, na maioria dos casos, foi uma criança que sofreu algum tipo de trauma na infância ou que está se “punindo” por algum motivo, por isso, buscará se relacionar com pessoas que a punam. Sua principal característica é ser amoroso, honesto e competente, buscar admiração e aprovação de todos, achar que vai sempre ajudar, não ser relaxado com suas tarefas – mas ao contrário, excessivamente responsável. Ou seja, a pessoa é admirável, o que suscitará inveja nos outros.

Já a figura do assediador é narcisista, exibicionista e não aceita críticas. Possui baixa auto-estima e, assim que percebe alguém melhor que ele, uma possível ameaça ao seu posto, passa a tentar destruí-lo em função da inveja. Sente-se incapaz, incompetente e, como não consegue ser tão bom quanto o outro, tentará derrubá-lo. Sua vítima será alguém que também tenha auto-estima baixa, porém doentamente responsável e não saiba dizer ‘não’, alguém que “aceitará” suas explorações e humilhações.

Normalmente, o assédio moral possui cinco etapas, que vão desde o agressor iniciar o assédio fazendo elogios, “pegando leve”, “seduzindo” – para abrir espaço e ganhar a confiança da outra pessoa –, até a mais crítica, que já se configura pela violência psicológica, destruição do outro, que não consegue trabalhar em razão da perturbação sofrida. No ponto mais extremo do assédio, o funcionário se mantém no emprego, aceitando a humilhação, apenas pelo salário – o que costuma ser mais um ponto de incentivo ao assediador.

A palestrante falou ainda de duas modalidades nas quais o assédio moral pode se configurar, sendo elas: vertical (entre diferentes níveis hierárquicos – chefe e subordinado) e horizontal (entre pessoas de mesmo nível hierárquico – funcionários de um mesmo setor). Quanto às formas de assediar moralmente, elas vão das mais comuns como abusar do poder, ofender, instigar sentimento de culpa, acusar o outro por erros e dar orientações confusas, até as mais extremas e inimagináveis como enviar vírus pelo computador para destruir o trabalho do outro.

Veja alguns tipos de atitudes que se encaixam no quadro de assédio moral:

1. Pedir trabalhos urgentes sem necessidade;
2. Impedir a pessoa de sair para o almoço ou de con-

- versar com outras pessoas;
3. Ignorá-la perante os outros;
  4. Estimular a discriminação dos outros perante aquela pessoa;
  5. Isolar pessoas doentes;
  6. Telefonar à família da pessoa e acusá-la de não trabalhar;
  7. Revistar na entrada e na saída;
  8. Provocar depressão ou desistência da pessoa do emprego;
  9. Instigá-la a pedir demissão;
  10. Desequilibrá-la emocionalmente.

Mas atenção, conforme dito, só se qualifica assédio moral quando há uma vítima determinada, uma pessoa que é sempre provocada. Caso alguma das atitudes acima (como a de número 2 ou 7) sejam normas da empresa ou aconteçam com o grupo todo, não se trata de assédio moral. Às vezes o assediado pode estar estressado por outro motivo ou não saber aceitar críticas construtivas e tomar qualquer atitude como assédio moral. É preciso estar atento para diferenciar essas situações.

Quanto às conseqüências acarretadas à pessoa assediada e à empresa, estas costumam ser bastante graves, pois envolvem comprometimento da produção, adoecimento de um funcionário, degradação das condições de trabalho (como até danos aos equipamentos), maior frequência de trabalhos refeitos, mais custos, perda de iniciativa ou criatividade, perda de eficiência e de produtividade.

Ainda que o principal sintoma do assediado seja o estresse, é preciso estar atento, pois homens e mulheres reagem de diferentes maneiras ao assédio moral:

**Mulheres:** são mais emotivas e comumente têm reações como mágoas, ressentimentos, isolamento, choro, insônia, distúrbios digestivos, depressão, palpitações etc.

**Homens:** são mais racionais, por isso costumam reagir com o silêncio, vergonha, confusão, sentimento de traição, depressão, dores no corpo e, diferentemente das mulheres, têm sede de vingança.

Por ser um crime, muitas vezes a pessoa consegue ser indenizada pela justiça. É uma forma de ser ressarcido perante a sociedade, mas ainda assim, seu trauma continuará o mesmo. Psicologicamente a vítima ainda está doente e, possivelmente, o caso de assédio se repetirá dentro de algum tempo: ela procurará a situação novamente.

Você é assediado moralmente? Ou conhece alguém que se encaixe nisso? REAJA! RESPEITE-SE! Não perca seu valor em função do outro! Por que você permite que isso aconteça?

Segundo Luiza, há muitas formas de buscar auxílio. Na própria Universidade existem centros de ajuda, principalmente o IBCP (Instituto Brasileiro de Ciências e Psicanálise), do qual a palestrante faz parte. Nele existem palestras, grupos de apoio e cursos que podem ajudar uma vítima de assédio moral a se entender com ela mesma e se livrar dessa situação. O único modo de uma pessoa conseguir ficar livre do assédio moral é compreendendo o que há de errado nela internamente, que faz com que ela busque ser tratada dessa maneira. A partir do momento que ela está bem com seu lado psicológico, se torna muito mais forte, menos atingível por atitudes desse tipo e um combatente do assédio moral no ambiente de trabalho.

Ao término da palestra, muitas perguntas foram feitas e esclarecidas pela palestrante. O IBCP passou uma ficha de inscrição aos interessados em cursos e atividades, enquanto Lucas anunciou o início dos sorteios e do *coffee*.

Dica de leitura: “*Assédio moral: entre o amor e a perversidade*” - Leila Resende e Vânia Crespo.

### 3º dia – 13.04

No terceiro dia de SIPAT aconteceram duas palestras, ambas dadas pela mesma palestrante, a psicóloga Vera da Ros, da PUC/SP. Os temas eram “Sono e sonhos” e “Drogas e doenças sexualmente transmissíveis entre jovens e adultos”, respectivamente.

#### “Sono e sonhos”

Nessa primeira palestra, Vera falou das diversas finalidades do **sono** (dentre as quais se destacam o descanso, o relaxamento e a reposição de energias) e da necessidade que temos de dormir - que só percebemos quando perdemos uma noite de sono e, com isso, temos nossas atividades diárias afetadas. Segundo ela, cada corpo tem um ritmo e um determinado número de horas necessárias de sono para se recompor do dia a dia (em média, de sete a nove horas, mas isso diminui com a idade). Caso não sejam obedecidas, isso pode causar, nas crianças, problemas de desenvolvimento, e nos adultos, fragilidades no sistema imunológico.



Vera explicou que, enquanto dormimos, nosso sono passa por cinco estágios, cada um com suas determinadas características e reações no organismo. São eles:

Fase	Porcentagem do tempo de sono	Características
1º	4 a 5%	sono leve
2º	45 a 55%	diminuição do ritmo do corpo, relaxamento da musculatura
3º	4 a 6%	sono profundo
4º	12 a 15%	sono muito profundo, mudança do ritmo da respiração
5º	20 a 25%	aceleração dos batimentos, movimentação dos olhos (REM) – é quando, geralmente, acontecem os sonhos.

Quanto aos **sonhos**, Vera disse que, antigamente, era comum achar que nos transportávamos para outro mundo enquanto sonhávamos, mas hoje já se sabe que não é isso. Eles são manifestações do nosso inconsciente que, geralmente, nos querem mostrar ou fazer prestar atenção em algo que nos passa despercebido.

Sonhos falam de nossos medos e desejos mais íntimos, querem fazer com que paremos para pensar ou repensemos alguma coisa que estamos negligenciando. Este último acontece, principalmente, no caso dos sonhos recorrentes, ou seja, significa algo que não queremos enxergar e que, enquanto não o fazemos, o sonho insiste em aparecer.

**VEJA ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DOS SONHOS:**

- Costumam possuir elementos de acontecimentos recentes;
- Duram de 5 a 20 minutos;
- São coloridos (não preto e branco, como dizem);
- Incorporam barulhos externos próximos;
- Acontecem todas as noites, na maioria das vezes, mais de uma vez;
- Nem todos são literais, isto é, não é porque sonhamos que aquilo acontecerá na realidade. Porém, existem sonhos premonitórios, mas são raros;
- Roncar não é sonhar. Aliás, quem ronca possui dificuldade em dormir profundamente, que é quando o sonho acontece;
- Cegos também sonham, mas com os sentidos que possuem, logo, utilizam-se de outros sentido que não a visão;
- Às vezes, no sonho, queremos gritar, correr e não conseguimos. Isso acontece porque nosso corpo

está em profundo relaxamento, não há movimento muscular;

- Mesmo quando a pessoa é sonâmbula, há uma espécie de “autocensura”, que nos impede de fazermos coisas que não devemos.

**AMIGOS E INIMIGOS DE UM SONO DE QUALIDADE:**

Ajudam	Atrapalham
Tentar manter uma rotina de horários	Não se expor à luz intensa caso acorde a noite
Ficar na cama só o necessário para descansar, não ficar “enrolando”	Não olhar o relógio caso acorde a noite, isso aumenta a ansiedade
Cochilar 5 ou 10 minutos quando sentir necessidade	Evitar calor ou frio excessivos (menos de 17º ou mais de 29º)
Criar rituais antes de dormir como meditar, ler, orar etc.	Não fazer da cama um local para outras atividades como comer, estudar etc.
Fazer refeições leves antes de dormir	Não ingerir bebidas alcoólicas
Tomar leite morno	Não ingerir alimentos com cafeína
Manter o ambiente limpo, calmo e sereno	Não fumar
Exercitar-se durante o dia (de preferência na água, que remete à placenta)	Com insônia, não fique na cama. Faça atividades leves e volte quando sentir sono

**“DROGAS E DSTs ENTRE JOVENS E ADULTOS”**

Vera começou a segunda palestra falando dos mais diversos motivos que uma pessoa teria para se manter acordado durante muito tempo (trabalho, lazer, estudo etc.) e/ou teria para querer fugir da realidade (insatisfação), além dos riscos que isso causa (dependência e fanatismo).

Isso porque, na maioria das vezes, são esses motivos - mais a inserção em determinado grupo ou a vontade da experimentação - que levam as pessoas à dependência de qualquer substância psicotrópica (drogas em geral), pois elas mexem com os componentes e a maneira de atuar do cérebro, na psique. O uso de tais substâncias ilícitas altera o modo de agir e de ver o mundo do usuário, causando efeitos, *a priori*, prazerosos.

A palestrante falou dos diversos tipos de drogas que existem e que são mais conhecidos (esse assunto será retomado na palestra do quinto dia). Falou ainda do fato de não ser nada fácil as pessoas se convencerem de que precisam parar de usarem drogas, independentemente do motivo. Por isso, hoje há muito mais um trabalho na intenção de

conscientização dos riscos, do que punição.

Falando em punição, a palestrante citou o Sindepol (Sindicato dos Delegados de Polícia), que possui um trabalho justamente nessa vertente. Ou seja, cansados de prender pessoas em função das drogas, há um trabalho de conscientização dos riscos, que tem como finalidade prevenir que as pessoas usem pela primeira vez – já que não existe um meio de saber se ela se viciará ou não a partir da experimentação.

#### OS TIPOS DE DROGAS E COMO ELAS AGEM:

Tipo	Efeito	Exemplos
Depressoras	Diminuição do ritmo do cérebro, “desligamento”, mas sem causar depressão.	Álcool, morfina, inalantes, heroína, hipnóticos, soníferos, calmantes e derivados de ópio.
Estimulantes	Aceleração do ritmo do cérebro, sensação de bem-estar	Cocaína, cafeína, anfetamina (remédios para emagrecer), ecstasy*, nicotina, crack.
Perturbadoras ou alucinógenas	Cérebro “fora do normal”, confusão, alucinações, delírio.	Maconha, ecstasy*, LSD-25, mescalina, chás de lírio e cogumelo, ayahuasca.

\* Ainda não se sabe ao certo todos os efeitos do ecstasy, por isso ele se encontra em ambas as categorias.

Ao final das palestras, foi distribuída uma cartilha de prevenção ao uso indevido de drogas para cada participante. A cartilha é o resultado de um trabalho integrado entre o Sindepol, a Polícia Federal, o SENASP, o Escritório contra drogas e crime da ONU e da Secretaria Nacional Antidrogas do Governo Federal.

Como nos outros dias, houve sorteios de brindes juntamente com o *coffee*.

#### 4º DIA – 14.04

O quarto dia de SIPAT teve como tema “Drogas, álcool e os reflexos na família e no trabalho”, com a palestrante Leila Maria Catapani. A palestrante é gerente de comunicação do Recanto Maria Tereza, um local para onde são encaminhadas pessoas que precisam de auxílio no tratamento à dependência de uso de drogas. Esse Recanto tem um convênio com a USP, que também presta esse serviço de encaminhamento quando necessário.

A palestrante, bastante experiente no assunto, iniciou dizendo que não há uso de drogas sem reflexo prejudicial na vida. Nosso cotidiano nos obriga a passar, na maioria dos casos, mais tempo no trabalho do que com a família, por isso, esse ambiente precisa ser o mais adequado possível e, quanto maior a qualidade de vida ali, menor o risco de envolvi-

mento com o uso de drogas. Uma vez dependente, a pessoa tentará evitar que esse campo seja afetado – já que é dali que ele tira seu sustento e o sustento de seu vício –, porém, fatalmente essa área é prejudicada, assim como todas as outras.

Leila explicou que nossa cultura é muito voltada ao incentivo principalmente de consumo de bebidas alcoólicas, que, ao contrário do cigarro, continua presente em toda comemoração, de batizados a casamentos. Porém, o grande problema é que essa é a porta de entrada para as outras drogas e, como não é possível detectar se uma pessoa tem chances de se tornar dependente no futuro, se esta tem tendência por causa de fatores genéticos, basta experimentar para que se desencadeie uma série de complicações em sua vida.

O processo que pode desencadear a dependência baseia-se, basicamente, em três fases, a saber:

Fase	Características	Efeitos
1ª fase: “macaco” (uso social)	1º estágio: Uso experimental 2º estágio: Uso esporádico 3º estágio: Uso constante	Euforia, empolgação, benefícios
2ª fase: “leão”	Abuso, manifestação da dependência, iniciam-se os problemas	Normalização do uso, euforia seguida de depressão, queda de produtividade
3ª fase: “porco”	Adicção, dependência	Vive para usar e usa para viver, deterioração da pessoa, uso continuado, compulsivo

Essas complicações, no caso do trabalho, podem ser detectadas, principalmente se percebidas quanto ao comprometimento da pessoa em suas responsabilidades e assiduidade. Isto é, deve-se ficar atento a faltas e atrasos, queda de produtividade, não cumprimento de responsabilidades, rotatividade de mão-de-obra e acúmulo de tarefas a serem feitas, basicamente. Da mesma maneira, deve-se atentar também a bruscas oscilações de humor, piora na aparência, sobrecarga de serviços de saúde (como visitas ao médico com muita frequência). Tudo isso pode indicar um quadro de dependência e acarretar sérios riscos à pessoa e a seu ambiente de trabalho se não detectados com antecedência.

Leila disse que, embora não pareça, compensa mais a uma empresa tentar tratar aquele funcionário dependente do que substituí-lo. Isso porque a pessoa já conhece a organização, contribuiu positivamente, foi-lhe

útil durante muito tempo. Então é mais garantido investir em tratamento ou encaminhá-la a algum local que o faça do que admitir uma nova pessoa – que também está sujeita a passar pela mesma situação.

Métodos de prevenção que a empresa pode adotar:

- **Primários:** palestras, informativos;
- **Secundários:** formação de agentes multiplicadores quanto aos perigos do uso;
- **Terciários:** tratamento para a pessoa afetada e apoio psicológico para a família.

Já com relação à família, os riscos também são bastante sérios. Uma das questões mais problemáticas é o fato de que, em muitos casos, a família desenvolve a co-dependência, que seria como uma “dependência do dependente”, ou seja, a obsessão em controlá-lo. A família acaba adquirindo um comportamento muito semelhante ao da pessoa dependente e, em casos extremos, passa a fazer uso de algum tipo de substância também – seja a mesma droga ou outra, como calmantes.

Os principais sintomas da co-dependência são:

1. Os mesmos da dependência: compulsão, deterioração de si mesmo;
2. Esforço excessivo em controlar o dependente;
3. É progressiva: vai piorando com o tempo;
4. É crônica: tem recuperação, mas não cura (pode haver recaída emocional);
5. Pode levar à dependência;

Leila explicou que a questão da família é muito complicada, pois, na maioria das vezes, pensa estar ajudando com determinadas atitudes, enquanto está atrapalhando a pessoa. Segundo ela, o dependente só procura ajuda quando contabiliza seus prejuízos, se vê em situação deplorável; porém, em função de alguns comportamentos da família, esse momento se torna cada vez mais difícil de acontecer.

Tais atitudes são chamadas “comportamento de facilitação” pela palestrante, que dá alguns exemplos como: justificar o uso (falas como “Coitado(a), passou por uma situação difícil, por isso entrou nessa!”), evitar problemas que levem ou remetam ao uso (“Não deixe ele(a) irritado, se não ele(a) vai se drogar!”) ou ainda minimizar os problemas (“Que exagero! Não é bem assim! Não foi tudo isso!”). Tudo isso é feito, pois a família tem medo de se posicionar perante a situação, de acordo com Leila.

É comum também, que os familiares do depen-

dente sintam-se culpados pela situação (além dos sentimentos de raiva, tristeza, medo, insegurança, solidão e dor) e até parem de se relacionar socialmente em função daquela pessoa – que agora se torna um peso, motivo de vergonha, de frustração.

Seja na dependência ou na co-dependência, o tratamento psicológico (psicoterapia) é de extrema importância, sempre aliado a atendimento médico e auto-ajuda. Não importa a droga, o efeito destrutivo é sempre o mesmo e pode desencadear até outros tipos de dependência, conforme visto na palestra. O importante é a informação e a prevenção para que se evite um quadro extremo, por isso, a empresa e o ambiente de trabalho são essenciais no combate à doença e no auxílio às pessoas por ela afetadas.

Ao final da palestra, perguntas seguidas de brincadeiras e *coffee* aos participantes.

#### 5º DIA – 15.04

O quinto e último dia de Semana Interna de Prevenção de Acidentes de Trabalho de 2009 se iniciou com um discurso de encerramento da Professora Sandra Margarida Nitrini, diretora da Faculdade, parabenizando os organizadores do evento e cumprimentando os principais membros da CIPA. Agradeceu palestrantes, participantes, disse que a Semana foi muito proveitosa em função dos temas apresentados e finalizou dizendo que, em sua gestão, será dado olhar especial com relação a tudo aquilo que melhore o trabalho dos funcionários da FFLCH.

Logo em seguida, o palestrante José Roberto Amazonas deu início à sua apresentação denominada “Assédio Moral no trabalho sob o olhar da psicanálise”. José Roberto, que também é do IBCP, assim como a palestrante do segundo dia, Luiza Galvador – fez quase toda sua palestra baseado em dados do site [www.assediomoral.org.br](http://www.assediomoral.org.br), com o qual também colabora e está disponível a todos os interessados no assunto.

Segundo ele, configura-se assédio moral quando o foco da humilhação sai da área de trabalho e vai para o campo pessoal. Aliás, pode estar associado até ao assédio sexual, contudo, são tratados de maneiras diferentes. José reforçou a idéia de que o assédio pode acontecer vertical ou horizontalmente e se utiliza do medo do trabalhador perder o emprego para ameaçar e pressionar.

Hoje, existem meios de a vítima denunciar casos de assédio, pois já é reconhecido como crime

em função de seus malefícios à integridade do indivíduo. Para fazer essa denúncia, o assediado deve colher dados da agressão e levar a algum órgão de proteção como sindicato ou a um advogado.

Pensando nisso, a psicanálise lança novos olhares para que uma possível vítima possa se identificar e tomar atitudes a respeito. O palestrante fez uma breve introdução sobre a história da psicanálise, que foi criada por Freud, mas também serviu de objeto de estudo de outros estudiosos.

José Roberto falou dos conceitos de consciente, pré-consciente e inconsciente. O primeiro se refere ao que é perceptível, àquelas informações as quais temos acesso no momento em que precisamos, ou seja, coisas que estão em nossa memória e que temos acesso facilmente como números de telefones, por exemplo. Já no inconsciente há elementos que estão em nossa mente também, mas que não temos acesso e, por isso, buscam meios de se expressarem, como quando trocamos nomes ou através de sonhos.

Da mesma forma, falou sobre ego, id e superego que, respectivamente, significam: a mediação de nossos desejos com a realidade (adaptação do que queremos com o que é possível), o conjunto de desejos que as pessoas têm e a instância psíquica que nos controla (uma espécie de “autocensura”).

O palestrante disse que as doenças psíquicas, tais como as que desencadeariam a prática do assédio moral, tomam forma durante o desenvolvimento infantil, quando a criança vai adquirindo a noção do que é ou não permitido e essas informações vão se agrupando

em sua mente. Esse desenvolvimento, aliado à constituição individual de cada um, à herança genética e à ação do ambiente sobre a pessoa, resultam no modo como ela se comportará posteriormente.

Uma vez que a pessoa possui uma doença psíquica, ela se sente culpada por suas atitudes. Essa culpa a impede de fazer algumas coisas, mas não a de agir errado. Em outras palavras, trata-se de um ciclo: a pessoa faz algo errado, sente-se culpada, é “perdoada” e volta a fazer errado. Por isso, é comum dizer que há cumplicidade entre o agressor e o agredido, pois ambos são doentes psicologicamente, logo, procuram, mesmo que inconscientemente, colocarem-se nessas posições.

Para que se livre dessa situação, a pessoa precisa perceber que está dentro desse ciclo culposo e transformar essa culpa em responsabilidade, mergulhando em seu inconsciente e descobrindo a causa disso. A partir do momento em que ela descobre o porquê de estar inserida nisso, consegue focar sua energia em outra atividade, rompendo a cumplicidade e, conseqüentemente, o ciclo. Uma vez que a pessoa não está inserida nesse ciclo, fica mais fácil encarar a situação e minimizar os efeitos do assédio.

Mais informações a respeito podem ser adquiridas no site [www.assediomoral.org.br](http://www.assediomoral.org.br) ou no IBCP, o Instituto Brasileiro de Ciências e Psicanálise.

Ao final da Semana, brindes, *coffee* e a veiculação de um vídeo com todo o conteúdo das palestras durante os cinco dias de evento.

## PREMIAÇÃO

### PRÊMIOS RECEBIDOS PELA FFLCH

Professora Doutora **Ângela Maria Alonso**, docente do Departamento de Sociologia, recebeu o prêmio Bolsa de Estudos de 2009 concedido pela Fundação Guggenheim, que escolheu 33 participantes entre 500 candidatas da América Latina e Caribe.

Sra. **Ana Cláudia Moreira Cardoso**, orientanda da Profa. Dra. **Nádyá Araújo Guimarães** (docente do Departamento de Sociologia), recebeu o Prêmio Capes de Teses 2008, com o trabalho *Tempos de trabalho, tempos de não trabalho: vivências cotidianas de trabalhadores*.

Sra. **Beatriz Protti Christino**, orientanda da Profa. Dra. **Maria Cristina Fernandes Salles Altman** (docente do Departamento de Linguística), recebeu a Menção Honrosa do Prêmio Capes de Teses 2008, com o trabalho *A rede de Capistrano de Abreu (1853-1927): uma análise historiográfica da Rã-Txa-Hu-Ni-Ku-i em face da sulameticanística dos anos 1853-1927*.

Sr. **Sérgio Adas**, orientando do Prof. Dr. **Antonio Carlos Robert de Moraes** (docente do Departamento de Geografia), recebeu o Prêmio CAPES de Teses 2008, pelo trabalho *O campo do geógrafo: colonização e agricultura na obra de Orlando Valverde (1917-1964)*. Recebeu também com esta obra o Grande Prêmio CAPES Mario Pedrosa.

## PRODUÇÃO DA FACULDADE



### *Memória e Diferença*

UGO MAIA ANDRADE

Os índios Tumbalalá do norte da Bahia são, como qualquer coletivo social, uma população heterogênea reunida em torno de memórias locais relativas à participação histórica nas redes regionais interindígenas de trocas. Essas redes de relações sociais que integram populações do médio, submédio e baixo Rio São Francisco são, simultaneamente, o vetor principal das etnogêneses na região, fonte de produção e reprodução de classificações cosmológicas e o lugar onde é possível encontrar permanência, durabilidade e contiguidade morfológicas associadas a uma história regional de longa duração.

[www.editorahumanitas.com.br](http://www.editorahumanitas.com.br)

### *As Belas-Artes Reduzidas a um Mesmo Princípio*

CHARLES BATTEUX (TRADUÇÃO NATÁLIA MARUYAMA E ADRIANO RIBEIRO)

Release: *As belas artes reduzidas a um mesmo princípio* (1746), obra do abade Charles Batteux (1713-1780), professor de retórica e de poesia grega e latina no Collège Royal de Paris, constitui um importante documento para o desenvolvimento da estética no século XVIII e para o projeto iluminista de totalização e unificação do saber humano.

A proposta do tratado é simples e clara: defende-se que todas as artes estão submetidas ao princípio da imitação da natureza, a qual se converte em lei e base abrangente de todas as regras poéticas. Assim como a natureza está submetida a leis universais e invioláveis, da mesma forma acredita Batteux que devem existir para a imitação da arte leis da mesma espécie e de igual dignidade.

Dessa forma, solidifica-se nesse tratado uma ponte entre a tradição da retórica, oriunda da Antiguidade, e as formas modernas de apreciação do objeto artístico. Batteux antecipa a passagem do paradigma da imitação para o da criação, que tanto marcou a estética de todo o século XVIII. Sua reflexão é um convite para uma visita à tradição e também para a frequentação de um momento de constituição do pensamento moderno.



[www.editorahumanitas.com.br](http://www.editorahumanitas.com.br)



### Crianças e Narrativas

ANA LÚCIA TINOCO CABRAL E LÉLIA ERBOLATO MELO

Conferindo uma importância essencial aos diversos tipos de narrativa, às múltiplas maneiras de narrar e à variedade dos efeitos produzidos, os seis capítulos desta coletânea enfatizam a tendência de se buscar “uma” estrutura “da” narrativa. Nesta direção, a ênfase recai, inicialmente, na diversidade de conteúdo: cada criança-autora é capaz de narrar/contar de diversas maneiras em função do que narra/conta. Em seguida, o foco de interesse converge para a diversidade dos estilos individuais à qual as crianças não escapam. Isso leva Frédéric François a evidenciar o que a criança deve aprender e o que é necessário para que uma narrativa infantil não seja “uma má cópia” da narrativa adulta. Enfim, estas considerações modificam evidentemente a imagem que podemos fazer do adulto pedagogo e de seu papel junto às crianças. Linguistas, pedagogos, psicólogos, professores de língua materna, fonoaudiólogos encontrarão aqui subsídios importantes para reflexões e questionamentos a respeito da comunicação linguística.

[www.editorahumanitas.com.br](http://www.editorahumanitas.com.br)

### A Declaração Universal dos Direitos Humanos – Sessenta Anos – Sonhos e Realidades

MARIA LUIZA MARCÍLIO (ORG.)

No dia 10 de dezembro de 1948, a Assembléia Geral das Nações Unidas adotava e proclamava a Declaração Universal dos Direitos do Homem, instrumento valiosíssimo que criou na agenda internacional a importância dos Direitos Humanos na convivência da família humana e em escala planetária. Neste ano de 2008, celebram-se os sessenta anos desse documento, marco que mudou a ordem mundial contemporânea e a ordem de cada nação democrática. A Universidade de São Paulo, unindo-se a essas celebrações que se multiplicam em várias nações do mundo e em nosso país, quer mostrar que, para além de suas preocupações e empenhos em produzir a melhor pesquisa e o melhor ensino, está igualmente empenhada em difundir, defender, tutelar e ministrar o ensino dos valores básicos que dignificam, promovem e elevam a pessoa humana.



[www.edusp.com.br](http://www.edusp.com.br)

### As Armadilhas do Saber

CLEUSA RIOS P. PASSOS

Percorrer os diversos ensaios que compõem *As Armadilhas do Saber* permite enriquecer as confluências entre literatura e psicanálise flagradas em criações textuais de autores brasileiros. De Machado de Assis a Chico Buarque, o arco se abre passando por Oswald de Andrade, Drummond, Murilo Mendes, Cecília Meireles e Clarice Lispector, e funda a sua coerência na atenção fina e segura aos planos do trabalho estético. Para além do estudo crítico, que realiza com precisão e rigor, este livro é um convite ao rearranjo de experiências interpretativas e ao exercício de reflexão da leitura interdisciplinar em que os saberes dispõem armadilhas que nos cabe reconhecer e desarmar.



[www.editorahumanitas.com.br](http://www.editorahumanitas.com.br)

## INFORME

Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - nº 52 - maio/junho e agosto de 2009



Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas  
Serviço de Comunicação Social – SCS

Prédio da Administração – Rua do Lago, 717  
Cidade Universitária – CEP 05508-900  
Telfax: 3091-4612 – Fone: 3091-4938 e 3091-1513

